

Entre escola e experiência: educação e resistência no Quilombo do Chumbo (MT)

 Edson Caetano*

 Haya Del Bel**

 Karla Rodrigues Mota

*Universidade Federal de Mato Grosso

**Universidade Federal de Mato Grosso

***Universidade Federal de Mato Grosso

Como citar: CAETANO, Edson; DEL BEL, Haya; MOTA, Karla Rodrigues. Entre escola e experiência: educação e resistência no Quilombo do Chumbo (MT). **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 35, n. jan/dez, 2026. DOI: doi.org/10.29286/217742026

Resumo

O presente artigo analisa as tensões e confluências entre a educação escolar e a educação da experiência na Comunidade Quilombola Nossa Senhora Aparecida do Chumbo, em Poconé-MT. Fundamentado no materialismo histórico, investigamos como os processos educativos extrapolam a escola no contexto de avanço do agro sobre territórios tradicionais. O estudo evidencia três movimentos centrais: a precarização da escola pública como mecanismo de apagamento identitário; a ocupação dos espaços acadêmicos pela comunidade e a educação da experiência. Conclui-se que, na existência concreta do quilombo, educação escolar e educação da experiência constituem uma totalidade voltada à resistência, à autoafirmação identitária e à permanência no território.

Palavras-Chave: Educação Escolar Quilombola, Educação da Experiência, Resistência.

Between school and experience: education and resistance in the Quilombo do Chumbo (MT)

Abstract

This article analyzes the tensions and confluences between formal school education and the education of experience in the Nossa Senhora Aparecida do Chumbo Quilombola Community, in Poconé-MT. Grounded in historical materialism, we investigate how educational processes extend beyond the school setting amidst the expansion of agribusiness into traditional territories. The study highlights three central movements: the precarization of public schooling as a mechanism of identity erasure; the community's occupation of academic spaces; and the education of experience. It concludes that, within the concrete existence of the quilombo, formal school education and the education of experience constitute a totality aimed at resistance, identity self-affirmation, and permanence in the territory.

Keywords: Quilombola School Education, Education Experience, Resistance.

Entre escuela y experiencia: educación y resistencia en el Quilombo del Chumbo (MT)

Resumen

El presente artículo analiza las tensiones y confluencias entre la educación escolar y la educación de la experiencia en la Comunidad Quilombola Nossa Senhora Aparecida do Chumbo, en Poconé-MT. Fundamentado en el materialismo histórico, investigamos cómo los procesos educativos extrapolan la escuela en el contexto de avance del agronegocio sobre territorios tradicionales. El estudio evidencia tres movimientos centrales: la precarización de la escuela pública como mecanismo de borrado identitario; la ocupación de los espacios académicos por la comunidad y la educación de la experiencia. Se concluye

que, en la existencia concreta del quilombo, educación escolar y educación de la experiencia constituyen una totalidad orientada a la resistencia, a la autoafirmación identitaria y a la permanencia en el territorio.

Palabras clave: Educación Escolar Quilombola, Educación de la Experiencia, Resistencia.

Introdução

A Comunidade Quilombola Nossa Senhora Aparecida do Chumbo, localizada no município de Poconé (MT) é um território forjado dialeticamente entre a tradição, a violência e a re-existência¹. Assim como nas comunidades tradicionais da Baixada Cuiabana², o quilombo tem sua origem marcada pela solidariedade, ajuda mútua e uso comum das terras, contudo, nas últimas quatro décadas, face o avanço do agronegócio, o modo tradicional de produzir a existência vem sendo questionado.

A origem da comunidade remonta ao final do século XIX, constituindo-se de um território ocupado mediante a compra das terras feita por um negro alforriado, que acolhia famílias no local e cuja produção da existência se manteve historicamente baseada em mutirões e ajuda mútua (Pereira, 2017; Mendes, 2020; Silva, 2023). Contudo, essa configuração sócio-espacial sofreu profundas alterações a partir de 1984, com a instalação da Usina de Açúcar, Álcool e Biodiesel do Pantanal, por incrementar, um intenso fluxo migratório (especialmente nordestinos), complexificando a identidade local, tornando-se um território de re-existência plural (Fachin, 2019; Silva, 2023).

A regularização das terras do quilombo junto ao INCRA enfrenta processo moroso e segundo Silva (2020b), o documento que legitima a posse consiste na certificação de Comunidade Remanescente de Quilombos, expedida pela Fundação Cultural Palmares. Contudo, Silva (2023) afirma que o autorreconhecimento foi um marco para a comunidade, pois reavivou a identidade quilombola dos moradores e moradoras e despertou uma “nova perspectiva no que tange à educação” (p. 72), a qual

passou a ser vislumbrada como direito e ferramenta de afirmação identitária frente à violência e às ameaças de apagamento.

Nesse contexto de vulnerabilidade, a educação escolar é tida como elemento estratégico para a manutenção dos moradores e moradoras no território, pois nela se disputa não apenas o acesso ao conhecimento historicamente produzido, mas a legitimidade da própria história, cultura e saberes, bem como, a manutenção de modos de vida tradicionais. A educação é compreendida nesse texto em sentido ampliado, tal qual, expressa por Brandão (2007) ao afirmar que “não há uma forma única nem um único modelo de educação” (p. 9), e de Cury (1986,) que a entende como uma atividade humana partícipe da totalidade da organização social, não restringindo o ato de educar ao ambiente escolar e à figura do professor.

Este artigo analisa as tensões e confluências entre a educação escolar e a educação da experiência na Comunidade do Chumbo, compreendendo a educação como um campo de disputa que extrapola os limites da escola. Partimos da premissa de que a educação não se encerra na sala de aula, mas perpassa o cotidiano. Diferentemente de abordagens que focam isoladamente na questão fundiária, na etnografia da comunidade ou na formação de professores, esta investigação busca compreender a unidade contraditória entre a escola, a vida cotidiana e a resistência.

Percurso teórico-metodológico

Metodologicamente, este trabalho apresenta resultados parciais oriundos do projeto de pesquisa Promoção de Territórios Saudáveis e Sustentáveis em Mato Grosso desenvolvido no Núcleo de Estudos Ambientais, Saúde e Trabalho da Universidade Federal de Mato Grosso

Nossa reflexão está ancorada no materialismo histórico, não como uma lente dogmática, mas a partir de uma abertura epistemológica sensível à produção de saberes que emerge da práxis social dos sujeitos. Articulamos, para tanto, três categorias teóricas fundamentais. A primeira é a educação

em seu sentido ampliado, ancorada em Brandão (2007), permitindo-nos enxergar a tensão entre os saberes produzidos na comunidade e o conhecimento sistematicamente organizado nas escolas e academias.

A segunda categoria é a Experiência, na perspectiva de Thompson (2002; 2021), compreendida como processo social ativo através do qual homens e mulheres refletem sobre as suas existências, constituindo a consciência a partir da experiência vivida. Por fim, mobilizamos a categoria contradição, iluminada por Cury (1986), para examinar a complexa relação entre experiência, re-existência quilombola e educação escolar.

A partir do referencial adotado, distinguimos os saberes da experiência e o conhecimento científico sem hierarquizá-los. Os saberes da experiência são elaborações socialmente produzidas por sujeitos que interpretam a realidade, compartilham aprendizagens e constroem respostas às necessidades concretas da existência.

O conhecimento científico não é definido neste artigo pelo local institucional em que é produzido nem pela pretensão positivista de neutralidade, mas sim, como um processo rigoroso, crítico e sistemático de desvelamento das contradições que caracterizam a existência social (Cury, 1986). Os saberes produzidos no Chumbo não são considerados simples matérias-primas fornecidas à academia, mas que integram a produção do conhecimento científico quando seus próprios sujeitos os problematizam, sistematizam e os mobilizam para interpretar e transformar a realidade.

Os eixos que estruturam este trabalho sintetizam uma análise construída a partir das vozes de moradores e moradoras do Chumbo, as quais denunciam a tensão entre a lei que garante a escola quilombola e a realidade burocrática que a nega; em seguida, discutimos a ocupação da universidade pelos moradores e moradoras; por fim, refletimos acerca da educação da experiência.

Salientamos que a ancoragem teórico-metodológica deste artigo reside no materialismo histórico, operando principalmente com as categorias contradição, totalidade e experiência. As noções de autobiografia,

escrevivência e virada epistêmica aparecem como categorias utilizadas pelas próprias pesquisadoras quilombolas em suas dissertações e, portanto, como objetos da análise aqui desenvolvida.

O corpus da análise foi composto por três conjuntos de materiais: roda de conversa realizada em 2022, com a participação de oito sujeitos (lideranças, trabalhadores, adultos e anciões da comunidade); registros decorrentes da aproximação dos pesquisadores com o território e com a unidade escolar e produções acadêmicas dedicadas à Comunidade do Chumbo. As dissertações de Silva (2023) e Oliveira (2024) receberam atenção específica por terem sido produzidas por pesquisadoras pertencentes à própria comunidade.

A Escola que a lei garante e a escola que a burocracia nega

O principal documento que normatiza a Educação Escolar Quilombola no Brasil é a Resolução CNE/CEB n.º 8/2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Em seu artigo 9º, afirma que essa modalidade da educação básica compreende “escolas que atendem estudantes oriundos de territórios quilombolas” (Brasil, 2012, p. 7) e, em seu artigo 26, afirma que, em se tratando de áreas rurais e considerando o Estatuto da Criança e do Adolescente, a educação infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental “deverão ser sempre ofertados nos próprios territórios quilombolas” (p. 11).

Em consonância com as diretrizes nacionais, a Resolução Normativa n.º 002/2016-CEE/MT, que regulamenta a Educação Escolar Quilombola no Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso, assegura a especificidade dessa modalidade e, em seu artigo 4º, evidencia os sujeitos dessa educação:

A Educação Escolar Quilombola pode ser ofertada em:

- I - unidades educacionais quilombolas, rurais e urbanas, reconhecidas pelos órgãos públicos, e;
- II - unidades educacionais que atendam estudantes oriundos de territórios quilombolas (Mato Grosso, 2016, p. 2).

De acordo com Oliveira (2025), a Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida, localizada no Chumbo, “é o principal destino educacional para os estudantes da redondeza, por isso, ela atende muitos quilombolas³, assentados e filhos dos peões que trabalham nas fazendas da região” (p. 171). Mesmo atendendo estudantes majoritariamente quilombolas, a Secretaria Municipal de Educação não implementa o currículo diversificado na unidade escolar.

Brandão (2007), além de defender que a educação acontece em todos os momentos e estágios da vida humana, afirma que a educação tem uma característica dual, podendo ser entendida como força ou fraqueza. Para o autor, sua força emerge quando se trata de uma educação autêntica, centrada nos saberes que constituem e legitimam um povo, ao passo que sua fraqueza desponta quando o conhecimento é imposto almejando a dominação de determinados grupos.

Segundo Pereira (2024), historicamente, a escolarização no Chumbo se caracteriza pelo descaso do poder público. De acordo com o autor, a escola foi criada na década de 60 por meio da luta e organização das famílias, que improvisavam espaços, custeavam o ensino e ministravam as aulas em suas próprias residências sob a regência de professores leigos.

Ao negar a estadualização, a implementação do currículo quilombola e descuidar das condições estruturais da unidade escolar, o município condena o espaço físico à ruína. Essa condição é percebida pelos profissionais locais, como exemplifica a fala a seguir:

Todo prefeito que entra: “nós queremos melhoria para nossa escola”. Nossa escola tá caindo aos pedaços, literalmente. Aí todo ano eles falam, agora vem, já chegou 300 mil para a reforma da escola, aí já passou 1 ano, 2 anos, já passou 5 anos e agora já não tem mais o dinheiro (Entrevistada 3, Roda de Conversa em 22/06/2022).

Esse descaso desestimula não apenas os profissionais da escola, mas, também, a permanência dos estudantes, além de desvalorizar a cultura

local. Brandão (2007, p. 103) afirma que “onde surgem interesses desiguais e, depois, antagônicos, o processo educativo, que antes era unitário, torna-se partido, depois imposto”. A tensão entre a manutenção do currículo regular e a implementação do currículo quilombola abre fissuras onde a ação dos educadores e educadoras residentes no quilombo ganha relevância histórica.

A experiência universitária e a disputa pela narrativa acadêmica

O descaso da Secretaria Municipal de Educação e a precariedade da escola não minaram o desejo de acesso à educação das e dos quilombolas do Chumbo; mas despertaram o interesse de ingresso em outros espaços educativos. Ao tentar enclausurar a educação básica, o poder público municipal desvelou uma contradição: a educação escolar, que deveria incentivar a reflexão crítica, passou a ser utilizada como controle de consciências. Consequentemente, os profissionais da educação perceberam que precisavam buscar apoio e estofo teórico, quer seja na união de esforços com organizações não governamentais⁴, bem como, no diálogo e ocupação de espaços nas universidades.

A apreensão desse movimento pressupõe a consideração do processo educativo como fenômeno social, situado na tensão dialética entre a necessidade da manutenção ordem, por parte dos grupos dominantes, e a sua tentativa de superação, pelos grupos dominados. Percebemos que esse fenômeno pode ser compreendido a partir da contradição, pois

a contradição como realidade e expressão da realidade é capaz de indicar à educação não apenas seu momento de integração no projeto de dominação, exercido pela ação e política existentes, mas também seu momento possível de negação e resistência (Cury, 1986, p. 121).

A recusa expressa pelos profissionais da educação frente à imposição de uma matriz regular e urbana aos estudantes quilombolas emerge, dentre

outras intersecções, da interlocução dos moradores e moradoras com variados grupos de pesquisa e extensão universitária.

Em levantamento⁵ realizado em repositórios institucionais, identificamos, até o ano de 2025, a produção de onze pesquisas *stricto sensu* dedicadas a analisar as dinâmicas ambientais, educacionais e culturais do território⁶. A relação com pesquisadores possibilitou o registro e a reflexão sobre a história do quilombo; as dificuldades para demarcação do território ocupado; a denúncia dos conflitos socioambientais sofridos em virtude do agronegócio; a valorização dos saberes tradicionais e dos anciões e anciãs e as dificuldades políticas e estruturais enfrentadas pela escola local.

Essa dinâmica fez com que os moradores percebessem que a universidade pode ser um espaço de denúncia, emancipação, acesso ao conhecimento científico e, principalmente, um lugar de fala:

Para nós, enquanto moradores daqui, hoje, eu vejo esse diálogo universidade-comunidade, como esse espaço que a gente pode falar. Talvez, por isso que quando vocês chegam aqui, todo mundo tem tanta vontade de falar das angústias e a gente fica também vendo como uma oportunidade de alguém nos ajudar, de alguém nos enxergar, do que que pode fazer por nós, porque a gente não tem um conhecimento que dá essa possibilidade. (Entrevistada 2, Roda de Conversa em 22/06/2022).

A partir da experiência acumulada junto aos pesquisadores, esses sujeitos perceberam a necessidade de deixarem a posição de “participantes de pesquisa” para assumirem a autoria de suas próprias narrativas.

Segundo Thompson (2002, p. 13), “toda educação que faz jus a esse nome envolve a relação de mutualidade, uma dialética”, isto é, uma troca. Essa perspectiva valoriza o diálogo entre diferentes saberes/conhecimentos que não se sobrepõem e que reafirma a ocupação da universidade como ação importante:

É lógico, eu sempre falo para as meninas, que nós também precisamos escrever os nossos artigos, que nós também precisamos aparecer na ciência, porque nós também somos professores. Então, eu sempre peço, quando eu falo, oportunidade com a universidade, de formação pra nós também. De formação, de ensinar nossos

professores como é que escreve um relato de experiência, como que escreve um artigo científico, para que os nossos professores também possam crescer, ter uma oportunidade, mas dentro da ciência. *Nós podemos falar de nós pra vocês e aí vocês vão escrever o que vocês sentiram de nós; e nós podemos escrever a nossa história também.* (Entrevistada 2, Roda de Conversa em 22/06/2022, grifos nossos).

O depoimento acima evidencia que as trabalhadoras da educação reconhecem na universidade um espaço de reflexão, emancipação e crescimento profissional, tensionando a lógica do extrativismo epistemológico que tradicionalmente dividiu o trabalho acadêmico entre quem elabora a teoria e quem apenas fornece “matéria-prima empírica”.

Elas não negam a relevância de narrar suas vivências para que sujeitos externos produzam pesquisas, mas reconhecem a necessidade de escreverem suas histórias também. Esse movimento transgressor do que se convencionou chamar de “ciência” encontra eco nas reflexões de Thompson (2021) sobre a importância da experiência na formação da consciência. Para o historiador, “a experiência surge espontaneamente no ser social, mas não o faz sem o pensamento; surge porque homens e mulheres e não apenas filósofos são racionais, e pensam sobre o que acontece a si e ao seu mundo” (p. 29).

Cumpramos ressaltar que a experiência não chega de forma obediente e linear; mas se desenvolve a partir da “resposta mental e emocional, de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos eventos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de evento” (Thompson, 2021, p. 28). Trata-se de um movimento em que o sujeito, após ser afetado pela experiência, formula uma compreensão frente ao vivido, concebendo a realidade a partir da ressignificação do experienciado.

Compreendemos que essas inquietações e anseios emergem, em razão de mudanças nas relações sociais e nas subjetividades dos e das quilombolas. Na perspectiva de Thompson (2021, p. 29), esse movimento dialético dá origem “a uma *experiência* modificada; e essa experiência é *determinante*, no sentido de exercer pressões sobre a consciência social

existente, propor novas interrogações e proporcionar grande parte do material que é objeto dos exercícios intelectuais mais elaborados”.

Inferimos que essa experiência é mediada por um processo educativo que não é escolar. Concordamos com Brandão (2007, p. 7) quando ele afirma que “ninguém escapa da educação”, todavia, nos referimos a educação que ocorre nas interações ordinárias, nos espaços corriqueiros e que acompanha o movimento da vida.

A ocupação desse espaço acadêmico e a consequente disputa pela narrativa materializou-se na trajetória de mulheres como Marinete e Nirda, ambas quilombolas, nascidas e criadas no Chumbo, que defenderam dissertações com temáticas sobre a comunidade (Quadro 1). Ao analisarmos suas produções, observamos que as escolhas metodológicas dessas autoras promovem uma ruptura com o academicismo tradicional. É nesse sentido que a chamada “virada epistêmica” se concretiza no território: por meio de pesquisas de autoria local que reposicionam os sujeitos quilombolas na produção acadêmica:

Quadro 1 – Sistematização de pesquisas *stricto sensu* sobre o Chumbo, com autoria local.

Título	no	Autor (a)	Programa	Natureza
O ser quilombola e as narrativas sobre família, educação e (r)existências da Comunidade do Chumbo em Poconé-MT	023	Marinete de Almeida Lima e Silva	Programa de Pós-Graduação em Ensino (IFMT)	Dissertação
Mulheres quilombolas do Chumbo: “quero colocar a comunidade no papel”	024	Nirda Rosa de Oliveira	Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (UFMT)	Dissertação

Fonte: Organizado pelos autores.

Silva (2023) aborda o ser quilombola e investiga como os saberes tradicionais e a identidade local constituem uma educação quilombola própria. Historicamente, o academicismo tradicional exigiu a neutralidade e o distanciamento do pesquisador diante da realidade investigada, entretanto, a escolha metodológica da autora questiona esse paradigma. Ao mobilizar depoimentos de anciões e professoras da comunidade, articulando-os dialeticamente à sua própria narrativa autobiográfica, a

pesquisadora quilombola documenta a história oral da comunidade e analisa os saberes e fazeres locais (uso de plantas medicinais, a culinária tradicional, as festas de santo e o cururu⁷) enquanto pedagogias que ensinam e preservam a identidade do quilombo frente ao racismo e à pressão do agronegócio.

A autora reivindica a ocupação da academia como forma de demarcação identitária e epistemológica, afirmando que a importância da sua escrita:

está no fato de apresentar a cultura, a história, a resistência de um povo que precisa se ver, se entender e perceber que todo o histórico vivido foi e continua sendo imprescindível para a construção da identidade individual, familiar e coletiva. A partir do momento em que as pessoas veem que sua forma de falar, de cozinhar, de plantar e de lidar com as diversas situações cotidianas é importante, ela também se valorizará e se permitirá a sonhar e ocupar espaços sem se inferiorizar diante dos outros (Silva, 2023, p. 131).

Na mesma proposta de superação do academicismo tradicional, Oliveira (2024) adota a escrevivência como método subversivo, utilizando a própria vivência e a de outras mulheres (erveiras, benzedadeiras e parteiras) para romper com a lógica hegemônica de produção do conhecimento. A pesquisadora destaca que a motivação para pesquisar o próprio quilombo resulta da experiência vivenciada com pesquisadores(as) externos que extraíam dados da comunidade e não apresentavam devolutivas. Frente a esse cenário, como opção consciente de demarcação de autoria e re-existência na pós-graduação, ela afirma:

[...] eu, como quilombola, também queria ser protagonista da pesquisa, ou seja, não quero ser pesquisada e sim eu fazer a pesquisa do meu povo, onde posso explicitar os modos de vida, vivência, saberes e fazeres dentro da comunidade quilombola e contribuir de melhor forma para a visibilidade e legitimação de direito do povo quilombola (Oliveira, 2024, p. 224).

A partir dessas duas pesquisas, identificamos a elaboração da crítica frente ao real. Em determinado momento de suas existências, as duas

pesquisadoras/professoras quilombolas perceberam que poderiam deixar de ser “objetos de estudo” para se tornarem sujeitos produtores de conhecimento, ou seja, aquelas que detêm e organizam a experiência articulando-a à teoria, transformando as vivências em práxis política e conhecimento legítimo.

Todavia, o estar no espaço acadêmico não é tarefa fácil. De acordo com os depoimento, os e as estudantes relutam em renunciar ao emprego em prol de uma formação de longo prazo:

Você chama eles, eles falam: Não, tô trabalhando!, Não, não compensa, não compensa tipo eu largar meu salário. Tô ganhando 2 mil reais, tô ganhando 3 mil reais. Como que eu vou largar pra eu ir pra, pra faculdade? Não compensa!. Tem até uma jovem daqui que conseguiu pra enfermagem. Ela não vai! Duas jovens que conseguiram, fizeram inscrição, não vai por que? Porque não compensa. (Entrevistada 2, Roda de Conversa em 22/06/2022).

Tal recusa se justifica, pois, as condições materiais, a luta pela sobrevivência e a necessidade de inserção rápida no mercado de trabalho impõem barreiras concretas às aspirações acadêmicas da juventude quilombola. Os e as estudantes se deparam com obstáculos para o acesso e a permanência na universidade.

Em que pese a existência de políticas de ingresso específicas, como o PROINQ da UFMT, a permanência impõe-se como um desafio, pois a disparidade na formação de base entre estudantes quilombolas e não quilombolas mostra-se abissal. Somado a isso, o valor da bolsa estudantil revela-se, muitas vezes, insuficiente frente ao custo de vida urbano.

A educação da experiência e a formação da consciência crítica

Para as profissionais da educação do quilombo, a universidade se apresenta como um espaço potente, onde se materializam projetos individuais e coletivos. O ingresso em programas de pós-graduação viabiliza a obtenção de títulos acadêmico, o que permite às quilombolas melhores

oportunidades no mundo do trabalho, bem como, possibilita a documentação escrita da história, saberes, lutas e resistência do quilombo a partir das vozes e olhares locais.

Embora reconheçamos a potência do espaço escolar, compreendemos a educação de maneira ampliada, já que, ela se expressa e se materializa para além das paredes da sala de aula. Para Brandão (2007, p. 9), “todos os dias misturamos a vida com a educação”, ou seja, o aprender não é monopólio da escola e prescinde da presença do professor ou professora.

Nessa direção, Thompson (2021, p. 30) afirma que “fora das instalações da universidade, outro tipo de produção e outro tipo de conhecimento se processa o tempo todo”. Ao propor essa transgressão, Thompson (2021) nos convida a tensionar as fronteiras rígidas do que historicamente se convencionou legitimar como conhecimento científico. Se a racionalidade científica moderna constituiu a universidade como lugar privilegiado da ciência, frequentemente subalternizando conhecimentos produzidos em comunidades tradicionais, a práxis concreta do Chumbo evidencia que a interpretação rigorosa da realidade também se produz no território.

Em consonância com a perspectiva do autor, argumentamos que a aprendizagem e o desenvolvimento da consciência não se limitam, jamais, à educação escolar ou acadêmica, por mais potentes que esses espaços sejam. Sustentamos que a consciência e a produção de conhecimento se processam também nos momentos ordinários, corriqueiros e cotidianos, a partir do instante em que o ser humano reflete e ressignifica suas experiências na luta pela terra, pela educação e pela vida.

No Chumbo, o capital atua ideologicamente por meio da cooptação da juventude quilombola, alternando as práticas tradicionais de violência pela qualificação profissional:

(Entrevistada 3) – Aqui mesmo tem o fazendeiro. Ele faz curso, quase todo mês tem curso aí do Senar. Até os funcionários dele já formou vários no Agro. Entrou lá como servente de pedreiro e hoje já tá como operador de máquina. (Entrevistada 4) – Eles são agros. É muito

triste, porque aí os fazendeiros convencem mesmo. Porque, igual fala, tem essa oportunidade, chama, te oferece, você tá morando aqui, sem perspectiva. Aí faz o curso. Agora você vai ganhar 3 e 500, daí né. Ah agora eu sou agro. (Entrevistada 3) – É, daí mais um tempo tá com câncer, dor de cabeça. (Entrevistado 1) – É, ainda vão trazendo mais veneno para a sociedade. (Roda de Conversa em 22/06/2022).

As denúncias acima expressam que a pedagogia do capital tenta, pela capacitação técnica, apagar a identidade dessa juventude, alienando-a e incorporando-a à força de trabalho qualificada indispensável à sua autorreprodução. Contudo, a educação da experiência vivenciada pelos moradores e moradoras do Chumbo permite desvelar que o mesmo agro que oportuniza qualificação e cria uma falsa inclusão, na verdade é sinônimo de contaminação, adoecimento e morte.

Para compreender a gênese dessa sabedoria, recorremos à categoria experiência, a partir de Thompson (2021), ao corroborar que a experiência é válida, efetiva e permite a interpretação e a formulação de respostas que explicam o ser no mundo, pois todos os indivíduos produzem e compartilham saberes. Portanto, as explicações que os moradores e moradoras do Chumbo elaboram acerca das suas existências não são instintivas, mas mediadas por um grau, maior ou menor, de abstração.

De acordo com Thompson, esse processo ocorre porque a realidade concreta se impõe ao sujeito, forçando-o a refletir sobre o real a partir de suas próprias experiências:

A experiência não espera discretamente, fora de seus gabinetes, o momento em que o discurso da demonstração convocará a sua presença. A experiência entra sem bater à porta e anuncia mortes, crises de subsistência, guerras de trincheira, desemprego, inflação, genocídio. Pessoas estão famintas: seus sobreviventes têm novos modos de pensar em relação ao mercado. Pessoas são presas: na prisão, pensam de modo diverso sobre as leis. Frente a essas experiências gerais, velhos sistemas conceptuais podem ruir e novas problemáticas podem insistir em impor sua presença (2021, p. 17).

A experiência produzida a partir do conflito ensina os moradores e moradoras a contestarem a generosidade do opressor e ao evidenciarem as contradições inerentes ao modo de produção capitalista, percebem o

antagonismo de classe que os separa dos fazendeiros. Eles aprendem que a sobrevivência depende de não ceder, cabendo aos mais velhos pedagogizar a resistência, compartilhando-a com os menos experientes

Então é assim, a questão da resistência, a gente não pode pensar apenas no momento, mas sim futuramente porque nós estamos aqui por causa da resistência, muitas opressão mesmo. E essa resistência também fortalece lá fora, né? Porque lá fora só sobrevive quem sabe resistir. Eu falo pra minha filha, você vai ter que resistir o que você ver na vitrine, tanta coisa bonita e gostosa, isso também é resistência, porque o outro pode e você não pode. E essa resistência começa por aqui. (Entrevistada 4, Roda de Conversa em 22/06/2022).

A partir da fala acima percebe-se que, no Chumbo, que resistir não é uma palavra abstrata, mas uma prática educativa cotidiana. Os mais experientes apresentam aos jovens a exclusão e a desigualdade que marca a re-existência no quilombo.

No quilombo, a luta pela terra e a luta pela implementação da Educação Escolar Quilombola são indissociáveis. Nas comunidades tradicionais e povos originários, não existe a possibilidade de desvincular o currículo escolar do território, pois assegurar a identidade quilombola e assegurar a posse da terra tradicionalmente ocupada é tão importante quanto o acesso ao conhecimento científico. Eles almejam uma educação escolar que reafirme o modo de vida, os valores, os saberes e os fazeres locais.

Os moradores e moradoras do Chumbo não se veem como vítimas; mas sim, sujeitos históricos, que transformam a experiência adquirida nos embates cotidianos em ação, pois, como aponta Thompson (2021, p. 254):

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos no âmbito dessa expressão – não como sujeitos autônomos, indivíduos livres, mas como pessoas que vivenciam suas situações e relações de produção determinadas como necessidades, interesses e antagonismos, e, em seguida, lidam com essa experiência em sua consciência e sua cultura (dois outros termos excluídos pela prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, “relativamente autônomas”) e então (frequentemente, mas nem sempre, mediante estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.

Pode-se perceber que é no movimento entre as diversas dimensões da existência humana que a educação acontece. No Chumbo, a compreensão de que o Agro oprime e de que seus representantes estão em grupo social diferente não veio de um agente externo redentor, mas da experiência e da consciência forjada diariamente na luta contra o opressor.

Algumas considerações

As reflexões tecidas ao longo deste manuscrito permitem compreender que a educação é um fenômeno complexo que extrapola, e muito, o espaço escolar. Por meio da educação não escolar, o indivíduo é inserido na sociedade, aprende sobre os valores, as normas de conduta, as tradições e os costumes locais, ao passo que, pela educação escolar, ele tem acesso ao conhecimento historicamente produzido, o qual, em tese, permite refletir e transformar a realidade em que vive. É por meio dos variados, complexos e contraditórios processos educativos que homens e mulheres aprendem a ler o mundo.

No contexto da Comunidade Quilombola do Chumbo (Poconé-MT), a educação se configura como uma trincheira de batalha, na qual se disputam não apenas o currículo e a modalidade da Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida, mas em última instância a formação da identidade das crianças e dos jovens locais. O poder público municipal de Poconé não considera a autoafirmação étnica da comunidade para a definição da matriz escolar, impondo à unidade um currículo regular, a contragosto das profissionais da educação e das lideranças do quilombo.

Devido a essa imposição da Secretaria Municipal de Educação, a referida unidade escolar acaba por conviver com uma dolorosa contradição, pois, confina os e as estudantes em um prédio precário e a um currículo oficial que não acolhe nem valoriza seus saberes, fazeres, costumes e tradições.

Entretanto, a disputa dos espaços formais de ensino não se restringe à educação básica. Após a comunidade ganhar notoriedade no âmbito de estudos de pós-graduação *stricto sensu* configurando-se como lócus de variadas pesquisas de mestrado e doutorado, os moradores perceberam a importância de superarem a posição de “informantes”. Sem deslegitimar a importância das investigações externas, os e as quilombolas assumiram a postura de sujeitos epistêmicos, reivindicando não apenas a autoria de suas experiências, mas a sua validação enquanto produtores de conhecimento científico legítimo. O empenho em desenvolver escrita acadêmica por moradores e moradoras locais configura-se em um ato de salvaguarda da memória e de autodefesa contra a subalternização de seus saberes e de seus reais produtores.

Os e as quilombolas do Chumbo não são vítimas passivas; são sujeitos históricos que, a partir da indissociabilidade entre educação e experiência, ressignificam a opressão e a violência vivida em sabedoria política e autoafirmação identitária. No final, aprendemos com o quilombo que a educação escolar e a educação da experiência não são excludentes e tão pouco se sobrepõem. Trata-se de duas dimensões de uma mesma totalidade que coexistem, ora se negando, ora incorporando elementos umas às outras, ora superando suas diferenças. Este movimento não caminha para uma síntese, mas para o enfrentamento e transformação das contradições pulsantes na existência concreta, que são, em si, um contínuo processo educativo.

Referências

ALBÁN ACHINTE, Adolfo. Pedagogías de la re-existencia: artistas indígenas y afrocolombianos. In: PALERMO, Zulma (org.). **Arte y estética en la encrucijada descolonial**. Buenos Aires: Del Signo, 2009. p. 13-40.

ARRUDA, Marileide do Carmo Amorin. **A educação infantil das crianças pantaneiras na Comunidade Quilombola do Chumbo em Poconé – MT**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2021.

BIESKI, Isanete Geraldini Costa. **Conhecimento etnofarmacobotânico de plantas medicinais utilizadas por comunidades tradicionais do Distrito Nossa Senhora Aparecida do Chumbo, Poconé, Mato Grosso, Brasil.**

2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012.** Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Brasília: Diário Oficial da União, Seção 1, p. 12, 21 nov. 2012.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretaria de Desenvolvimento Territorial. **Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável do Território Baixada Cuiabana/MT.** Brasília, DF: MDA, 2010.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e contradição:** elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. 2. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

FACHIN, Jakeline Modesta Almeida. **Conflitos ambientais e currículo: reflexões de um processo formativo escolar comunitário.** 2019. 166f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019.

MARTINE, Rafael. **As alterações ambientais e culturais em comunidades do Cerrado do Pantanal, Poconé, Mato Grosso.** 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019.

MATO GROSSO. Conselho Estadual de Educação. **Resolução Normativa nº 002/2016-CEE/MT, de 28 de novembro de 2016.** Dispõe sobre a normatização da Educação Escolar Quilombola, nos estabelecimentos de Educação Básica do Sistema Estadual de Ensino. Cuiabá, 2016.

MENDES, Giovana Rosangela Ferreira. **Injustiça socioambiental nos cruzamentos da história e memória: Comunidade Quilombola Nossa Senhora do Chumbo.** 2020. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos, 2020.

OLIVEIRA, Bruna Maria de. **Etnocorporeidade na formação continuada de professores e professoras atuantes em escolas quilombolas da região**

de Poconé/MT. 2025. 295 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2025.

OLIVEIRA, Nirda Rosa de. **Mulheres quilombolas do Chumbo:** “quero colocar a comunidade no papel”. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2024

PEREIRA, Luciano da Silva. Marcos históricos da Educação Escolar na Comunidade Remanescente de Quilombo Nossa Senhora Aparecida do Chumbo, Poconé, MT. **Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, Campo Grande, v. 29, n. 67, p. 27–48, 2024. Disponível em: <https://serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/1876>. Acesso em: 16 jan. 2026.

PEREIRA, Luciano da Silva. **Trajetória de vida, estratégias de resistência e protagonismo de professoras quilombolas da comunidade de Chumbo/Poconé/MT.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2017.

SILVA, Joice Ribeiro da. **A inserção do bebê na educação infantil quilombola na "Creche Municipal Vovó Teófila" no distrito de Nossa Senhora Aparecida do Chumbo - Poconé.** 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2020a.

SILVA, Marinete de Almeida Lima e. **O Ser Quilombola e as narrativas sobre família, educação e (r)existências da Comunidade do Chumbo em Poconé-MT.** 2023. 143 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ensino) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Cuiabá, 2023.

SILVA, Maurício Marinho da. **O direito de ter direitos: o Ministério Público como mediador das terras de remanescentes de quilombos do município de Poconé- MT.** 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020b.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria e outros ensaios.** Tradução: Adail Sobral. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

THOMPSON, Edward Palmer. **Os românticos:** a Inglaterra na era revolucionária. Trad. Sérgio Moraes Rego Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Conflitos de Interesses: Autores declaram que não há interesse comercial ou associativo que represente conflito de interesse com relação a este manuscrito.

Financiamento: Agradecemos ao Ministério Público do Trabalho de Mato Grosso (MPT-MT/23ª Região) pelo financiamento concedido (Termo de Cooperação Técnica nº 07/2020), fundamental para a realização desta investigação.

Contribuições de autores:

Autor 1 – Coautoria, com participação ativa na construção do texto.

Autor 2- Coautoria, com participação ativa na construção do texto.

Autor 3- Coautoria, com participação ativa na construção do texto.

Recebido: 16 de Junho de 2026

Aceito: 30 de Julho de 2026

Publicado: 21 de Outubro de 2026



<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica>

¹ Concibo la re-existencia como los dispositivos que las comunidades crean y desarrollan para inventarse cotidianamente la vida y poder de esta manera confrontar la realidad establecida por el proyecto hegemónico que desde la colonia hasta nuestros días ha inferiorizado, silenciado y visibilizado negativamente la existencia de las comunidades afrodescendientes. La re-existencia apunta a descentrar las lógicas establecidas para buscar en las profundidades de las culturas – en este caso indígenas y afrodescendientes – las claves de formas organizativas, de producción, alimentarias, rituales y estéticas que permitan dignificar la vida y reinventarla para permanecer transformándose. La re-existencia apunta a lo que el líder comunitario, cooperativo y sindical Héctor Daniel Useche Berón “Pájaro”, asesinado en 1986 en el Municipio de Bugalagrande en el centro del Valle

del Cauca, Colombia, alguna vez planteó: “¿Qué nos vamos a inventar hoy para seguir viviendo?” (Achinte, 2009, p. 455).

² Conforme o Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável, a Baixada Cuiabana é uma região mato-grossense constituída por 13 municípios: Acorizal, Barão de Melgaço, Chapada dos Guimarães, Cuiabá, Jangada, Nobres, Nossa Senhora do Livramento, Nova Brasilândia, Planalto da Serra, Poconé, Rosário Oeste, Santo Antônio de Leverger e Várzea Grande (Brasil, 2010).

³ Entre as comunidades quilombolas atendidas pela Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida estão: Campina de Pedra, Campo Limpo, Laranjal e Jejum (Oliveira, 2025).

⁴ Em roda de conversa, as moradoras relataram que, diante da ausência estatal, a comunidade buscou parcerias ativas com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, o Instituto Burnier e a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional de Cáceres.

⁵ O levantamento foi realizado mediante consulta aos seguintes bancos de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>; Repositório Institucional da Universidade Federal de Mato Grosso, disponível em: <https://ri.ufmt.br/>; e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: jan. 2026.

⁶ Trata-se de duas teses de doutorado: Mendes (2020) e Oliveira (2025); e nove dissertações de mestrado: Bieski (2010), Pereira (2017), Martine (2019), Fachin (2019), J. Silva (2020a), M. Silva (2020b), Arruda (2021), Silva (2023) e Oliveira (2024).

⁷ O Cururu é uma manifestação cultural típica da Baixada Cuiabana, frequentemente executada em contextos de religiosidade popular e festas de santo. Segundo Silva (2023, p. 29), o gênero apresenta “ritmo, a musicalidade caipira, que envolve música e dança de roda com repentes colocadas ou não de improvisos criados de acordo com o festejo do momento”.